

# EUCARISTIA E PASTORAL

P. JESÚS HORTAL, S.J.  
São Leopoldo

---

## EUCCHARIST AND PASTORAL

In the first part of this article Jesús Hortal presents the pastoral dimensions of the Eucharist. Pastoral is understood as the freeing christian praxis which leads to salvation. The author discovers three functions in Pastoral: a prophetic function - announcing the Word; a sacerdotal function - worship; a king function - service of unity.

The second part refers to Eucharist and Ecclesiology. The Church is basically eucharistic. It meets around the Lord's Table. Eucharist is the expression of the Church in all dimensions thus having social political consequences.

The third part presents the various aspects of Eucharist and Pastoral. It is clear in this part that Eucharist is a dinner in which Christ is consumed and His passion is celebrated. The soul is filled with grace, participation of future glory.

Finally the author writes about the commemorative celebrations, not fully eucharistic. Saint Paul separates the agape, ritual dinner, from the eucharistic celebration. May it be possible to celebrate the agape without Eucharist mainly where access to Eucharist becomes problematic?

## I. INTRODUÇÃO

---

Eu entendo a **pastoral**, simplesmente, como a **práxis cristã salvadora** ou, se se prefere, **libertadora**. **Práxis da Igreja**, que leva à **salvação**. Portanto, **ação pastoral** é a **ação** de todo aquele que, em nome da Igreja, seja no nível que for, **leva a mensagem libertadora de Cristo aos seus irmãos**. Por isso, costumamos dizer que a **pastoral** é a **continuação da ação de Cristo**.

Deixando de lado as discussões exegéticas e teológicas (1), podemos adotar o esquema pedagógico corrente, compreendendo a pastoral como uma função tríplice:

- **Pastoral profética:** anúncio da Palavra; apresentação da mensagem; chamado; vocação.

- **Pastoral sacerdotal:** fundamentalmente, celebração da resposta humana ao chamado divino; culto. Recolhendo a mensagem, o povo responde numa celebração.

- **Pastoral régia:** serviço da unidade. A ação pastoral não é apenas anunciar e celebrar, mas também construir a unidade, em todo momento; inclusive quando se está anunciando ou celebrando.

Através destes três aspectos, vamos continuando a obra de Cristo: anunciando, celebrando, vivendo a unidade.

Os trabalhos precedentes têm um enfoque fundamentalmente teológico-dogmático: apresentação da fé. De fato, a fé, como nos diz o Concílio de Trento, "é o fundamento e raiz da justificação" (2). Mas, não esqueçamos: uma fé sem obras é morta. A uma fé autêntica, responde,

por necessidade íntima, uma práxis; caso contrário, não é fé. De tal forma se entrelaçam fé e práxis cristãs que conhecendo a uma podemos deduzir a outra. Da fé passamos para a práxis; mas da práxis também podemos passar para a fé. Quando anunciamos, anunciamos, uma fé; quando celebramos, estamos imersos numa práxis em cuja base se encontra uma fé. Daí o axioma tradicional: "legem credendi lex statuat supplicandi" ("que a lei da oração estabeleça a lei da fé") (3). Não porque a oração seja anterior à fé, mas porque nela a fé encontra a sua expressão clara.

Algo semelhante se pode dizer da práxis cristã, em geral. Na ortopráxis podemos encontrar a ortodoxia. Não desligando uma da outra, mas percebendo o seu nexos íntimo. Por causa da nossa formação intelectual, olhamos quase que instintivamente para a ortodoxia, deixando a ortopráxis na penumbra, como algo secundário. Afinal de contas - pensamos - das falhas do nosso modo de agir, a gente pode se confessar; mas a heresia separa, produz a divisão!

Creio que deveríamos questionar-nos sobre essa nossa

( 1 ) O texto de Mt 28,19-20 ("fazer discípulos - batizar - ensinar a guardar") não de tão fácil interpretação como poderia pensar-se lendo certos pastoralistas. Tenha-se presente que a distinção entre os três "poderes" da Igreja (ensinar, santificar e reger) e

da tríplice ação pastoral a que dariam lugar foi estabelecida por teólogos protestantes da segunda metade do século XVIII.

( 2 ) DS 1532 (D 801).

( 3 ) Cf. DS 246 (D 139).

atitude; e nenhum ponto de referência melhor para esse questionamento do que a Eucaristia. Os nossos jovens são extraordinariamente sensíveis à dialética entre ortodoxia e ortopraxis. Com frequência, quando detectamos um desvio doutrinário, reagimos com uma violência inacreditável. Quando, porém, vemos certos desvios práticos, procuramos boas desculpas, que tranquilizem a nossa consciência, alegando que ninguém conhece as intenções. Com frequência, os jovens vêm, nesse nosso modo de agir, um certo farisaísmo. Não esqueçamos, portanto, que a nossa ortopraxis eucarística tem uma importância decisiva.

A praxis cristã - como toda praxis - necessariamente muda, evolui, porque é próprio da vida humana expressar os mesmos sentimentos e as mesmas idéias com gestos mudáveis. À medida que se vai aprofundando a fé, vai mudando também a sua expressão. Também em relação à Eucaristia, há uma mudança necessária no decurso do tempo, sem interrupções bruscas, na continuidade. Nisso consiste a vida e, mais especificamente, a vida humana, em que na continuidade haja mudança e em que na mudança se conserve a continuidade. Se não houvesse mudança, não seria vida; e se não houvesse continuidade, não se trataria da mesma vida, mas de uma série de vidas sucessivas. Por isso, na nossa pastoral, devemos ter sen-

sibilidade para a mudança; mas devemos ter também consciência de que estamos continuando a mesma tarefa de Cristo. O povo cristão vai mudando; vai, de acordo com os tempos, focalizando ora um aspecto, ora outro. O perigo não está no enfoque diverso, mas no esquecimento ou - o que ainda seria pior - na negação implícita do enfoque anterior. Karl Rahner cunhou uma expressão vigorosa para designar essas negações implícitas: "heresia criptogâmica" (4). Às vezes, por medo ou por comodismo, não nos enfrentamos diretamente com o problema doutrinário; não afirmamos nem negamos nada. Mas, na prática, deixamos de lado uma verdade que nos incomoda. Analisando as nossas palavras, deveríamos dizer que são perfeitamente católicas; na realidade, porém, calamos conscientemente uma parte da verdade, porque nos incomoda, porque não estamos suficientemente seguros dela, porque gostaríamos que não fosse assim...

Também na prática eucarística pode haver heresias criptogâmicas: no modo de celebrar, no modo de acentuar certas coisas, de deixar de lado outras. Existe, por exemplo, atualmente uma certa variabilidade de textos para as celebrações eucarísticas e a Igreja vai pelo caminho de aumentar essa variabilidade. Por

(4) Cf. KARL RAHNER, *Was ist Häresie*, em: *Schriften zur Theologie*, vol. V, pp. 527ss.

isso mesmo, quando gozamos de uma certa liberdade, devemos ser conscientes do perigo da heresia criptogâmica. Nos últimos tempos, multiplicaram-se na Europa, principalmente na Holanda e na Alemanha, as preces eucarísticas compostas por iniciativa particular. Em muitos casos, trata-se de preces belíssimas, mas que deixam uma certa perplexidade no ânimo de quem as escuta. Acentuam até o máximo a dimensão comunitária da Eucaristia, mas calam totalmente sobre a idéia de sacrifício. Por acaso estão a negar o aspecto sacrificial? De jeito nenhum! Mas, movidos por um pensamento ecumênico - para evitar as disputas com os protestantes - deixam de lado a palavra e a realidade do sacrifício. Ora, se durante duas ou três gerações, o povo cristão participar de um culto onde o aspecto sacrificial da Eucaristia permanece na penumbra, o que poderá acontecer? Como será a fé do cristão, que ele viveu e aprendeu na oração? Devemos tomar consciência clara de que não transmitimos uma mensagem apenas através de um catecismo, mas, fundamentalmente, através de uma vivência. No fundo, a fé é experiência de Deus, contato pessoal do homem com Deus. Por isso, é através da práxis cristã, do culto, da vivência comunitária, que atingimos essa experiência fundamental. Daí que devamos procurar que nesse culto encontre a sua expressão clara

toda a nossa fé e não apenas uma parte dela. A Eucaristia, como concentração suprema do ser da Igreja, deve exprimir também de modo pleno a fé eclesial.

## II. EUCHARISTIA E ECLESIOLOGIA

A Igreja é, fundamentalmente, eucarística. Seguindo o pensamento de Ratzinger, podemos defini-la como assembléia convocada pelo Pai em torno à mesa do Senhor. Pois bem, isso é exatamente a Eucaristia, tanto na sua dimensão atual, como na escatológica. O ser definitivo, a consagração que todos esperamos será exatamente isso: a assembléia de todos os remidos em torno à mesa do Senhor, no grande banquete final. E agora, no tempo que passa, a Igreja - germe e início do Reino - se realiza como assembléia que se sente convocada em torno à mesa do Senhor.

Daí que todas as dimensões da Igreja devam refletir-se necessariamente na Eucaristia e que todas as discussões sobre o ser da Igreja encontrem o seu eco na Eucaristia. As controvérsias sobre o modo de agir da Igreja, sobre a sua missão, a sua tarefa entre os homens, a sua mensagem, acabam por manifestar-se na Eucaristia. Por isso, a problemática eclesiológica atual aparece claramente na práxis eucarística.

Não está muito distante de nós a problemática da secularização. A Igreja, afirmava-se, deve inserir-se profundamente no mundo; não existe mais espaço profano ou sagrado; é preciso nivelar tudo. Para quem adota uma linha secularizante de pensamento, no sentido descrito, a Eucaristia irá tomando uma dimensão cada vez mais horizontal; irá tendendo a eliminar barreiras e distâncias entre povo e clero. Na prática atual da Igreja, é visível uma certa tendência nessa direção, um certo nivelamento: o presbitério, como espaço reservado, está desaparecendo; foram tirados ou reduzidos os degraus que davam acesso ao altar; todos têm acesso à comunhão sob as duas espécies e podem receber o pão eucáístico na mão. São pequenos detalhes. Quem, porém, adotar uma linha mais radical de pensamento secularizante é evidente que não se contentará com esses pormenores, mas irá muito mais a fundo na sua prática.

Uma corrente teológica mais recente, a da teologia política e a da teologia da libertação, vai acabar por encontrar, necessariamente, o seu reflexo na celebração eucarística. O Cardeal Daniélou escreveu um livro que faz refletir: "A Oração, questão política". Creio que poderia ser escrito um outro com o título: "A Eucaristia, questão política"; e, talvez a questão política mais radical. Porque se celebrarmos uma Eucaristia que seja realmente ex-

pressão da Igreja, em todas as suas dimensões, quais vão ser as conseqüências? Se celebrarmos e vivermos a igualdade autêntica de todos, em torno a Deus nosso Pai, quais vão ser as conseqüências políticas e sociais? Por outro lado, quando nas concepções eclesiológicas se tende a uma dicotomia e a distinguir entre uma Igreja de Deus e uma Igreja dos homens, a repercussão na celebração eucarística é também inevitável. Quem focaliza mais uma dimensão vertical da comunidade eclesial, tende a conceber e realizar a Eucaristia como união com Deus: uma celebração, talvez, muito piedosa, mas muito pouco questionadora da vida. Quem, pelo contrário fala mais numa dimensão horizontal, pode ser que acabe por celebrar uma Eucaristia muito fraternal, mas de muito pouco relacionamento com Cristo e com o Pai.

É, pois, evidente que entre celebração eucarística e concepção eclesiológica há um interrelacionamento de tal natureza que a uma repercute necessariamente na outra e vice-versa. Não é agora o momento oportuno para um tratamento exaustivo do tema. Basta tomarmos consciência dessa dimensão prática de toda construção teológica.

### III. OS DIVERSOS ASPECTOS DA EUCARISTIA E DA PASTORAL

Para explicar os diversos aspectos doutrinários da Eucaristia e a sua repercussão pastoral,

sigo aqui o esquema da antífona do antigo Breviário Romano, para o dia do Corpo de Deus: "O sacrum convivium, in quo Christus sumitur, recolitur memoria passionis eius, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur".

**A. Banquete.** - Em primeiro lugar, a Eucaristia é banquete, expressão comunitária. Num livro recente (5), o autor chama a atenção para o fato de que, no alemão, a mesma palavra, **Herrenmahl** (ceia do Senhor), tem sido utilizada em dois sentidos divergentes. Até faz poucos anos acentuava-se o elemento "Herren" (do Senhor); hoje, pelo contrário, acentua-se o elemento "mahl" (ceia, refeição). É um exemplo típico de como uma mesma expressão pode ser usada com acentos que parecem dar-lhe significados contraditórios.

Hoje damos uma enorme importância à expressão comunitária. É uma realidade que deve ser afirmada constantemente: a Eucaristia é união, comunhão; é ceia entre nós, banquete. Mas não esqueçamos, que ela é simultaneamente do Senhor, assembléia convocada em torno à mesa do Senhor. A Eucaristia, portanto, deve construir comunidade.

Se não for assim, perguntemos até que ponto as nossas celebrações são verdadeiramente eucarísticas. A nossa práxis, a nossa pastoral correspondem àquilo que a Igreja anuncia e que deve realizar? Ela não é só anúncio, mas também sacramento, realização eficaz do que é anunciado.

Mas, mesmo constatando a dimensão comunitária das nossas celebrações, lancemos um ulterior questionamento. A comunidade se realiza em níveis muito diversos. Por isso, existe o perigo de ficarmos num nível comunitário inferior, no nível do grupo de amigos. Ora, é possível uma comunidade autêntica, convocada em torno à mesa do Senhor, que se feche sobre si mesma, nesse nível grupal, e que não se abra a uma dimensão maior, a uma dimensão universal? É possível uma Igreja que não seja autenticamente católica? É aqui onde nos espreita o perigo; na acentuação da dimensão comunitária e na identificação da comunidade com o grupo amical. A celebração eucarística não é apenas um grupo de amigos que celebram a sua fraternidade; é, sim, um grupo de amigos, mas convocados pelo Pai, para celebrar uma fraternidade com dimensões de infinito, uma fraternidade que se abre para a dimensão do dar ao outro, sem distinção de pessoas.

(5) EUGEN WALTER, *Eucharistie. Bleibende Wahrheit und heutige Fragen* (Buchreihe: Theologie im Fernkurs, B. 2), Freiburg im Br. 1975.

Contudo, argumenta-se, é possível, na prática, uma comunidade universal, em abstrato? São Paulo, quando escreve as suas cartas, dirige-as à Igreja de Deus que está em Corinto ou em Éfeso (6). Não fala da Igreja de Corinto ou de Éfeso. Assim, também hoje, poderíamos falar da Igreja de Deus que está em Florianópolis ou em Porto Alegre ou em São Leopoldo; ou mesmo, da Igreja de Deus que está na capela do meu bairro, do meu colégio ou da minha comunidade. Cada grupo deve tomar consciência de que não constitui uma fracção da Igreja, mas de que é a Igreja presente naquele lugar concreto. Por isso, não celebra apenas uma parte, mas a totalidade do mistério de Cristo, a totalidade da fraternidade entre os filhos do mesmo Pai; mistério e fraternidade de que se visibilizam e se vivem no grupo concreto.

Daí brota a problemática da diversidade de expressões. A Igreja de Deus manifesta-se, vive, surge e se visibiliza nos grupos particulares e, por isso, toma diferentes feições. Contudo, é a mesma Igreja de Deus; nela é necessária a continuidade na mudança, a unidade na variedade. É com apoio nessa argumentação que se costuma exigir uma uniformidade de textos e leis litúrgicos: afinal de contas, a Eucaristia não é Eucaristia deste ou daquele grupinho, mas da Igreja

toda. Por isso, não se trata da propriedade particular de uma pequena comunidade, que deva ser inventada ou construída a cada momento, mas da Eucaristia da Igreja, que tem que ser vivida por todos, num espírito de unidade. Mas - perguntemo-nos -, unidade e uniformidade são por acaso a mesma coisa? Onde termina a necessidade da unidade? Onde termina a necessidade da variedade? É este um problema que todos nós vivemos e para o qual não há uma fórmula matemática de solução. Precisamos ter sensibilidade para as duas coisas: para a dimensão universal, para a dimensão da presença universal da Igreja; mas também para compreendermos que essa presença se realiza dentro de umas coordenadas concretas de espaço e tempo, através de um grupo vivo de pessoas.

Talvez em nenhum outro ambiente apareceram mais dramaticamente as conseqüências do esquecimento da dimensão universal, católica, da Igreja, do que entre os grupos de jovens. Padre Zezinho escrevia recentemente num artigo publicado em "O São Paulo" que, de acordo com pesquisas realizadas, a média de vida dos grupos de jovens não ultrapassa os dezoito meses e que 80% daqueles que pertenceram aos grupos dissolvidos não frequentam mais a Igreja. Não terá havido - não apenas na celebração eucarística, mas na concepção do grupo em geral -

(6) Cf. I Cor. 1,2; Ef 1,1.

uma idéia de autonomia quase completa, de vivência isolada do cristianismo, incompatível com o ser eucarístico da Igreja, que é essencialmente comunhão que abraça a todos?

Mas também existe o reverso da medalha. Na grande multidão, na grande massa, a expressão da comunhão pode ser tão profunda como no grupo pequeno? Evidentemente, não; porque numa grande massa nem sequer temos a chance de comunicar claramente os nossos sentimentos a todos os presentes. No máximo, fazemos um gesto rápido, com o abraço da paz para o nosso vizinho. É verdade que a missa possui sempre, em si mesma, uma dimensão comunitária. Por isso, não pode haver missas privadas, no sentido estrito da palavra; a missa é sempre celebração oficial, presença da Igreja toda na Eucaristia. Mas, na prática, considerando as limitações da percepção humana, por acaso fica visualizada a idéia de comunidade quando celebramos sozinhos, mesmo sem ajudante? Por que o velho missal romano proibia explicitamente a celebração sem ajudante? E por que o atual missal ainda exige que se trate de um caso de verdadeira necessidade? Por que prefere claramente a concelebração à celebração particular? Porque através da presença de pelo menos o ajudante ou dos concelebrantes

visualiza-se, de algum modo, a comunidade eclesial. É verdade que, em qualquer celebração, Cristo se oferece e atua como cabeça de toda a Igreja, fazendo-a presente. Mas a Eucaristia é sacramento, sinal sensível. A verdade do sinal deveria ser uma preocupação constante na nossa ação pastoral. Talvez a nossa falha está na educação que recebemos: uma acentuação excessiva da presença de Cristo ou da graça individual recebida na Eucaristia. Mas essa presença é, fundamentalmente, presença no meio da comunidade e a graça é vida na comunidade eclesial, porque é vida do Cristo, Cabeça da Igreja.

Dizemos que a Eucaristia é sacramento e dizemos bem. Mas, sacramento do que? É o sacramento fundamental da Igreja; através dela, a Igreja se constrói e se faz presente. Por isso, poderíamos aplicar à Eucaristia a mesma definição que o Concílio Vaticano II nos deu da própria Igreja: "sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (7). Onde fica o sinal da unidade entre os homens, quando eu me fecho e procuro celebrar sozinho?

A Eucaristia, dizíamos, é **banquete**. Daqui brota ainda uma problemática ulterior: a verdade do sinal do comer e beber. A primeira celebração eucarística - a Ceia de Cristo com os Apóstolos - foi uma verdadeira refeição,

(7) CONC. VAT. II, Const. dogmática *Lumen Gentium*, n. 1.

onde o pão e o vinho apareciam claramente. Não acabo de entender uma certa contradição entre o missal romano e as disposições posteriores da Sagrada Congregação para o Culto Divino. De um lado, o missal insiste na verdade do sinal. Do outro, a Sagrada Congregação advertiu recentemente que as hóstias, embora se possam fazer mais grossas, devem continuar a ter a forma tradicional, redonda e plana. Desse modo, continuaremos a ter que explicar que aquilo que consagramos é pão. Onde está a verdade do sinal?

Também em relação à comunhão do cálice as coisas não aparecem tão claras, mas aqui mais por culpa dos nossos escrupulos do que por causa das disposições litúrgicas. Entre gaúchos, que chupam o chimarrão da mesma cuia ou bebem a caipirinha do mesmo copo, parece haver uma forte repugnância a tomar a comunhão do mesmo cálice. Nas concelebrações predomina, com muito, a comunhão por intinção. Onde fica aí a verdade do sinal do beber?

Mas insistamos ainda na dimensão da Eucaristia como banquete, como sinal visível da unidade. A disciplina eclesiástica nos pede, e com razão, que haja uma verdade clara na celebração

dessa unidade. É por isso que a intercomunhão com os irmãos separados está proibida. Daí se derivam toda uma série de problemas que envolvem o ecumenismo, a Eucaristia e a unidade eclesial. Quanta tinta tem corrido em torno a esse tema! Recomendando uma leitura dos números correspondentes do "Relatório de Malta" (8), junto com as ressalvas feitas, tanto pelos católicos como pelos luteranos. Existe um impulso evidente para a unidade, mas há também uma barreira clara que nos separa. De fato, não estamos unidos. Se somos sinceros, temos que confessar que a nossa fé na Eucaristia nos separa da grande maioria das outras comunidades cristãs. Quando a gente fica envolvido na práxis ecumênica, como dói não poder celebrar a Eucaristia com aqueles que confessam o mesmo Cristo! Mas, é verdade, encontramos com os dois princípios conflitantes que tão claramente formulou o Diretório Ecumênico (9). Na Eucaristia estão contidas a graça que procuramos e a unidade que queremos proclamar. Porque a celebração eucarística é fonte e cume da unidade da Igreja. A graça que procuramos nos impele para a união, mas a unidade que proclamamos nos coloca uma barreira no momento da in-

(8) *O Evangelho e a Igreja* ("Relatório de Malta"), nn. 68-75. Mais do que a tradução de SEDOC, bastante deficiente, recomendo a publicada pela Comissão Mista Nacio-

nal Luterano-Católica, Porto Alegre, 1975.

(9) SECRETARIADO PARA A UNIÃO DOS CRISTÃOS, *Diretório Ecumênico Ad totam Ecclesiam* nn. 38ss.

tercomunhão. Como, porém, esses dois princípios são coexistentes, é compreensível que haja casos em que seja lícito admitir os irmãos separados à Eucaristia católica. E creio e espero que esses casos serão ampliados.

**B. Banquete sagrado** - Creio que neste ponto nos falta um pouco de sensibilidade; ou, talvez, sejamos excessivamente racionalistas. Queiramos ou não queiramos, para o nosso povo, existe o sagrado; ele leva profundamente arraigado o sentimento do sagrado. No nível das camadas menos cultas da população, isto é inquestionável, mas tampouco falta entre os que se apresentam como intelectuais e que hoje se voltam a mística neobudista. Aqui brota toda a problemática derivada da existência de lugares de culto, capelas, santuários, vestes litúrgicas, gestos rituais, etc. Nas nossas celebrações e concelebrações, tenho a impressão de que se quer simplificar demais, apenas pelo prazer de simplificar, reduzindo tudo a um frio intelectualismo. A nossa preocupação não deveria ser nunca simplificar, mas expressar claramente - no lugar de culto, nas vestes, nos nossos gestos - o sentido autêntico da celebração. Hoje, com frequência, celebramos à missa com as mãos juntas ou braços cruzados, omitindo as genuflexões, simplificando ao máximo os paramentos, sem um gesto amplo e claro de saudação ou de paz.

Olhemos, pelo contrário, para a Umbanda. Dentro do primitivismo e da pobreza da maior parte dos terreiros, lá o lugar sagrado, as vestes e os gestos rituais estão perfeitamente determinados, com o seu significado simbólico, que nem sempre o povo capta por inteiro, mas que gosta de intuir e de respeitar. Argumenta-se que o simbolismo das nossas velhas vestes litúrgicas já não nos dizia nada. Mas, será que a solução é simplesmente suprimir? No lugar dos gestos sagrados que abolimos, estamos colocando alguma linguagem simbólica compreensível para o povo? Ou estamos trocando tudo o que possuíamos por um mero verbalismo, mesmo que, às vezes, seja musicado. Porque, até os nossos cantos, na maior parte das vezes, viraram pura transmissão verbal de uma mensagem. Bem diferente dos tempos do órgão e da polifonia! Por contraste, nos cultos umbandistas, o canto é muito mais ritmo e ação do que palavra, inclusive os textos, com frequência, são reminiscências das línguas africanas ou da giria dos escravos, que nem sequer o pai-de-santo chega a compreender.

Ao perdermos na música sacra o sentido do ritmo e do rito, perdemos também o sentido da festa. A celebração do domingo, em lugar de ser festa, se transforma em escola. No coração do povo, a idéia de festa deitava raízes bem profundas, mesmo até o exagero. As melhores roupas,

os melhores sapatos eram para o domingo, para a missa. Acontecia assim a vida num ritmo natural: a seis dias de trabalho sucedia-se um dia de festa, não apenas de simples descanso. E a celebração era festiva, solene. A simplificação excessiva dos nossos ritos não traz consigo também a perda do sentido da festa? E sem festa, sem alegria espontânea, caímos facilmente na rotina, na vulgaridade.

**C. No qual se recebe a Cristo. - Presença real de Cristo.** Por isso, a Igreja não apenas celebra a Eucaristia como banquete, mas também lhe rende culto permanente. Acaba de ser publicada a tradução portuguesa do ritual do culto do mistério eucarístico e da comunhão fora da missa (10). Oxalá sirva para um revigoreamento da piedade eucarística! Porque é verdade que ela está em baixa. Pode ser que anteriormente houvesse uma inflação de funções eucarísticas fora da missa e que se estivesse perdendo a perspectiva do seu relacionamento com o sacrifício único de Cristo. Mas a exposição solene do Santíssimo tinha um significado profundo para o povo cristão. Quando se faz agora, inclusive nas casas religiosas? Contra o que poderia pensar-se após uma observação superficial, a Igreja tem evoluído no sentido de multiplicar as celebrações eucarísticas fora da missa. O que são os cultos realiza-

dos por irmãos, diáconos ou ministros extraordinários, aos domingos, nos lugares onde não tem padre, mas é possível conservar a Eucaristia? Alegremo-nos com essa variedade, mas saibamos instruir esses agentes de pastoral: a celebração eucarística, mesmo não sendo plena, deve expressar sempre, em maior ou menor grau, todos os aspectos fundamentais do sacramento da unidade e do ser da Igreja. Igualmente, a adoração do Santíssimo não pode ficar na simples veneração individual da presença de Cristo. Também aí é o mesmo Cristo que nos convoca e nos reúne, que nos dá a sua alegria, que se encontra em estado de vítima, oferecendo-se por nós e oferecendo-nos, junto com ele.

**D. Comemora-se a sua paixão. - A Eucaristia também é sacrifício.** E este aspecto pode entrar em conflito com uma acentuação unilateral da idéia de banquete. Porque o banquete é algo atualmente palpável, visível. O sacrifício, pelo contrário, exige um certo senso histórico. Não é apenas uma celebração do momento, mas a continuação, a reapresentação, a atualização da mesma celebração em que Cristo se ofereceu por nós. A Eucaristia é sacrificial; eis uma razão a mais do por que a Eucaristia realiza plenamente o ser eclesial. Ser Igreja não é apenas convivência, ser com o outro, mas também sacrifício, ser para o outro. O

sacrifício é um entregar-se, um dar-se plenamente ao outro. Ora, o próprio ato da entrega, termina na convivência: se eu me dou e o outro me possui, eu estou com ele; estamos juntos. É através do sacrifício que construímos realmente a comunhão, a comunidade. Dando a minha vida, o outro vive por mim; dando Cristo a sua vida, todos vivemos por ele: convivemos.

Será que esta dimensão sacrificial está bem presente nas nossas comunidades paroquiais? Quantos dos nossos fiéis são conscientes de que a celebração do sacrifício de Cristo é a celebração do nosso próprio sacrifício? O Cristo que se oferece hoje, não é apenas o Cristo histórico que percorreu os caminhos da Palestina, mas o Cristo total, que nos assumiu como o seu Corpo. A cabeça não se oferece sem o corpo! Ao celebrarmos a entrega de Cristo a nós, celebramos também necessariamente a entrega de todos nós aos nossos irmãos. Por isso, a Eucaristia deveria ser o sacrifício libertador por excelência, porque é incompatível com qualquer atitude de dominação em quem a celebra. Se eu me entrego, não me posso transformar em dominador.

São Paulo não organizou nenhuma revolução armada, mas a sua carta a Filêmon contém o princípio gerador da maior revolução de todos os tempos. São Paulo não pede a Filêmon que liberte o escravo Onésimo, mas

apenas que o receba como o que verdadeiramente é: como irmão, no sangue de Cristo (11). Se nas nossas celebrações paroquiais, com a sua imensa variedade de pessoas, compreendêssemos o significado autêntico da fraternidade cristã, as nossas eucaristias seriam verdadeiramente libertadoras, as ações mais revolucionárias e libertadoras do mundo. A comunhão de vida no banquete e no sacrifício eucarístico, deveria levar naturalmente à comunhão de vida e de sacrifício no dia-a-dia. Só assim a nossa Eucaristia seria verdadeira realização e não apenas anúncio.

**E. A alma se enche de graça.** - É desse modo - no banquete comunitário, no sacrifício, na entrega ao outro - que a alma se enche de graça. Não num individualismo isolacionista, mas na união com o Cristo, no seu Corpo, que é a Igreja. Fomos educados numa piedade bastante individualista. Não precisamos substituí-la por uma piedade coletivista, mas por uma atitude personalista com consciência comunitária. É na comunidade que recebemos a graça da Eucaristia, mas é cada um de nós que a recebe.

**F. Penhor da glória futura.** - Nessa breve expressão está contido o caráter escatológico da Eucaristia. De novo, apresenta-se aqui a questão da solenidade do rito. Para descrever a liturgia celeste, São João emprega no Apocalipse

(11) Flm 16.

todas as imagens possíveis, carregadas de glória e de esplendor (12). Se a celebração eucarística é penhor da glória futura, também precisa manifestar e, de algum modo, realizar essa glória. Nem sempre a simplicidade é apta para transmitir a mensagem que devemos anunciar! Certamente, é preciso encontrar um equilíbrio, mas não se pode suprimir este aspecto da Eucaristia, sem mutilá-la. A antiga missa solene, com o seu canto, o seu incenso, o esplendor dos seus paramentos, a multiplicação dos seus gestos, continha certamente uma idéia de plenitude, de esplendor sobre-humano. Nem todos a compreendiam. Mas, o que ficou no seu lugar para responder às necessidades de um número de gente, que precisa visualizar a glória futura?

Escatológico significa também irmandade definitiva, união que não termina, no banquete eterno, em torno à mesa do Senhor. Não sei como poderíamos expressar esta idéia, fazer com que os fiéis a vivam. Há, contudo, um momento em que essa dimensão poderia aparecer mais palpavelmente: refiro-me às missas de defuntos, tão frequentes nas nossas igrejas. É aí onde pode aparecer mais claramente, para o povo, a dimensão escatológica da Eucaristia e da Igreja. Mas precisamos saber celebrá-las, manifestar claramente nelas a idéia de

união com aqueles que já estão com Cristo. União não apenas com os santos canonizados, dos séculos passados, mas também com aqueles que conviveram conosco até faz sete dias. Nessas missas, precisamos demonstrar que a irmandade continua e que a caminhada nos conduz para uma vivência cada vez mais profunda dessa irmandade.

#### IV. CELEBRAÇÕES COMEMORATIVAS, NÃO PLENAMENTE EUCARÍSTICAS

Pode ser que nem todas as comunidades estejam preparadas para celebrar a Eucaristia. Pode ser também que nem sempre seja recomendável que a celebração de uma comunidade atinja o seu nível culminante, eucarístico. Quando os primeiros cristãos "partiam o pão", podia tratar-se tanto da Eucaristia quanto de uma celebração não sacramental, no sentido estrito da palavra. Em todo o caso, era uma continuação do costume judaico do banquete ritual. Talvez, poderíamos reintroduzi-lo hoje, pelo menos para certos grupos. Como sabemos, foi São Paulo quem separou o ágape - o banquete ritual - da celebração eucarística. Foi uma questão disciplinar, com uma solução provocada pelos abusos do momento. Não se trata agora de reunir, de novo, aquilo que foi separado, mas de reintroduzir, como celebração in-

(12) Cf., p. ex., Apoc 4,1-11; 21, 1-27.

dependente, aquilo que caiu no esquecimento: o ágape. Para certos grupos de jovens ou de casais, cujo acesso à Eucaristia é problemático (penso em muitos casos de "famílias incompletas"), não seria preferível celebrar uma verdadeira refeição fraternal, inserindo nela uma meditação da Palavra e dando-lhe um sentido de comunicação entre irmãos que se reúnem perante o Cristo? Não é esta uma idéia madura; é apenas um ponto que lanço para a reflexão e, quem sabe, para a

experimentação.

Ao longo deste trabalho, fui apenas levantando problemas, sem apresentar soluções claras. Mas é que na pastoral as receitas práticas ou as soluções matemáticas são impossíveis. As circunstâncias em que cada um de nós nos movemos são diferentes. Do que precisamos é de tomarmos consciência das dimensões em que a Eucaristia deve ser vivida. Assim poderemos atuá-la entre os nossos irmãos, continuando a obra do Cristo que nos enviou.